

**Alma de mulher, destino de galinha: as vicissitudes da identidade feminina no modelo familiar burguês.**

*Rosângela Queiroz*

*Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba.  
Professora Titular da Universidade Estadual da Paraíba.*



Dos contos de Clarice Lispector que lidam com o motivo kafkiano da metamorfose, "Uma galinha", incluso na coletânea *Laços de família* (1960), é revelador quanto à percepção, pela via da escritura feminina, de uma espécie de "mal-estar" cultural decorrente da posição da mulher no instituto familiar.

Em "Uma galinha", a posição feminina associada a uma figura de animal sugere a crítica a um *status quo* que no instituto familiar burguês circunscreve a mulher a um nível de relação marcado por assimetria quase irremediável, chancelada, no texto, pela injunção biológica ficcionalizada. Este nível de relação traduz-se na polarização "homem/crianças x animal doméstico". No limite, o sema "animal doméstico" poderia ser substituído por "animal de trabalho", e, ainda, em contexto diferenciado (rural, por exemplo), por "animal de carga". Como o texto atualiza tais relações?

"Uma galinha" possui ação mínima: uma "galinha de domingo" foge do quintal da casa a que pertencia, voando desajeitadamente sobre os telhados e amuradas para ser pega logo em seguida pelo dono da casa. Uma vez presa, põe um ovo, o que entenece temporariamente a família, com a qual passa a viver como animal de estimação. "Até que um dia mataram-na, comeram-na e passaram-se anos" (p.33).

O motivo kafkiano da metamorfose viria a ser novamente explorado por Clarice em *A paixão segundo G.H.*, lançado em 1964. O romance conta a história de uma mulher madura e bem-sucedida que encontra inesperadamente em seu luxuoso apartamento uma barata. A partir de então desencadeia-se nela um lento processo de metamorfose interior, impulsionado pelas reflexões acerca do evento. Desliga-se penosamente de tudo o que constituía em sua vida até então organizada, normal e regrada, o lastro de estabilidade, de moralidade, de experiência do belo e, enfim, de felicidade, para entrar no campo do repulsivo, do horrível e do enauseante (FEITOSA, 2007, p. 59). Tal experiência equivale a sair de um mundo fictício, ilusório, asséptico e pobre de desafios fortalecedores, para entrar em outro mais real, caótico, mas vivo, que exige do indivíduo como condição de sobrevivência que ele abandone o que tem para descobrir aquilo que ele realmente é.

A *paixão segundo G.H.* mantém, como se pode perceber, uma intertextualidade com o conto *Metamorfose*, de Franz Kafka, no qual George Sansa transforma-se visível e concretamente em inseto. Para a personagem clariceana, a metamorfose é interior, ou seja, de concepções e de comportamento. A interpretação que a personagem faz do processo abre-se numa via de mão dupla: de um lado, presentifica-se a percepção da capacidade até então insuspeitada de descer ao nível da maior abjeção, representada nos atos de cheirar, tocar e provar a barata; do outro, descobre-se capaz de realizar algo impensável, um ato de coragem acima de qualquer expectativa. No primeiro caso, a experiência desestrutura o eu da personagem; no segundo, confere-lhe a capacidade de superar os próprios limites.

A mesma visão é oferecida em "Uma galinha" para examinar por parte da personagem central uma possibilidade de ação remota e afinal não concretizada: a da

subversão do modelo familiar que a oprime. A metamorfose no conto consubstancia-se na linguagem, que descreve os eventos vividos pela galinha baseados no comportamento instintivo desta, o que sublinha o caráter inexorável, porque estabelecido biologicamente, da sua sina. A transformação cresce, assim, em significado, uma vez que, ao mostrar um comportamento inusitado, sugere a mudança da situação exterior como decorrente da mudança interior. Como recurso de forte apelo identificatório, a representação da metamorfose em Clarice solicita para efetivar-se a experiência particular do leitor, sua visão de mundo. A explicitação do processo em *A paixão segundo G.H.* aplica-se igualmente a "Uma galinha":

A metamorfose de G.H. acontece como uma experiência em, com e através da linguagem. Para contar essa história, Clarice Lispector enfatiza o contraste entre a normalidade da vida de G.H. antes de seu confronto com o inseto e o lento processo de fragmentação que surge dessa confrontação. G.H. conta [ ... ] seu jeito de viver antes de encontrar a barata, mas ela o faz da perspectiva de alguém que já está experimentando no corpo uma metamorfose e procura através da narrativa compreender os acontecimentos. Esse contar não é fácil; é, ao contrário, um combate no sentido de conseguir dar forma às suas vivências (FEITOSA, 2007, p. 59).

"Uma galinha", antes de mais nada, é um conto descritivo da identidade de um ser através de sua história. A história do ser, isoladamente, é irrelevante como ilustração de um determinado modo de vida, mas, quando a identidade deste ser é tão fortemente marcada que o seu comportamento constitui padrão, torna-se imperativo compreender que parâmetros determinam a construção dessa identidade. A ideia de identidade aqui privilegiada é a da identidade fragmentada, ou identidade cultural na modernidade tardia, de acordo com os pressupostos de Hall (2006, p. 8).

A identidade cultural congrega a totalidade de aspectos geralmente conflitantes entre si decorrentes do "pertencimento" do indivíduo a grupos étnicos, lingüísticos, religiosos, nacionais, etc. O entrecostar destes aspectos cria o "jogo de identidades" posto em ação sempre que o indivíduo é levado a posicionar-se em relação a um ou mais deles. Uma identidade cultural pressupõe uma noção de cultura, aqui entendida como:

[ ... ] um sistema muito complexo de desenvolvimentos especializados - o total dos quais formará o todo da cultura, mas que não será acessível ou consciente, como um todo, a qualquer indivíduo ou grupo vivendo dentro dela (WILLIAMS, R., apud EAGLETON, T. 2005, p. 171).

Eagleton explicita o conceito:

A cultura não é unicamente aquilo que vivemos. Ela também é, em grande medida, aquilo para o que vivemos. Afeto, relacionamento, memória, parentesco, lugar, comunidade, satisfação emocional, prazer intelectual, um sentido de significado último [ ... ]. (Idem, p. 184).

Dito isto, de volta então à galinha e à forma pela qual a sua identidade é estabelecida pela linguagem como referência de seu comportamento. O intuito da voz narradora é o de estabelecer parâmetros de comparação entre o comportamento da galinha e o da mulher, aquela presa às injunções definitivas do instinto, ditadas pela memória filogenética, esta, presa às injunções histórico-culturais. Ambas são vagamente inconscientes do que determina a sua sina, embora não sejam isentas de angústia quanto a ela. A pressão da angústia é o que mobiliza a ação no conto, desencadeada pelo vôo inusitado da galinha pesado na e desajeitada, seguindo-se então uma realização ainda maior: a postura do ovo. A sua ação temporariamente a salva da destruição, mas o destino previamente traçado foi apenas adiado. No sentido de endossar as correspondências entre a mulher e a galinha, vários índices do texto que antropomorfizam esta última foram arrolados <sup>1</sup>:

- “Mesmo quando a escolheram, apalpando a *sua intimidade* com indiferença [ ... ]” (p.30).
- “Sozinha no mundo *sem pai nem mãe* ela corria, arfava, muda, concentrada” (p. 31).
- “Ainda tonta, sacudiu-se um pouco, com cacarejos roucos e indecisos” (p.31).
- “De pura afobação, a galinha pôs um ovo. *Surpreendida, exausta*” (p. 31).
- “Nascida que fora para a *maternidade*, parecia *uma velha mãe habituada*” (p. 31).
- “[.. ] rodaram mudos a *jovem parturiente*” (p. 32).
- “Esquentando *seu filho* [ .. ]” (p.32).
- “[...] a galinha passou a *morar* com a família” (p. 32).
- “E dizer que a obriguei a correr *naquele estado!*” (p. 32).
- “A galinha tornara-se a *rainha da casa*” ( p.32).
- “[...] usando de suas duas capacidades: a de *apatia* e a do *sobressalto*” (p.32).

Agora já é possível propor as linhas gerais da interpretação que aqui é dada ao conto: trata-se da história de uma jovem, adolescente quase criança que, estando grávida, foge da casa em que vive e trabalha, temerosa das conseqüências de seus atos. É trazida de volta pelo dono da casa. Uma vez nascido o bebê e passado o enternecimento inicial da família, a jovem volta a ocupar a sua posição inicial na hierarquia familiar. Sempre nostálgica da tentativa aventureira de obter a própria liberdade, a jovem resigna-se, entretanto, ao seu destino e os dias sucedem-se sobre os dias. Que marcas textuais foram acionadas para autorizar esta leitura? É o que se verá em seguida.

O primeiro traço identitário da galinha é o de ser “de domingo”, isto é, destinada por assim dizer ao sacrifício: ser comida no almoço de domingo. Com efeito, para que se comprem galinhas de domingo senão para matá-las e comê-las no almoço de domingo?

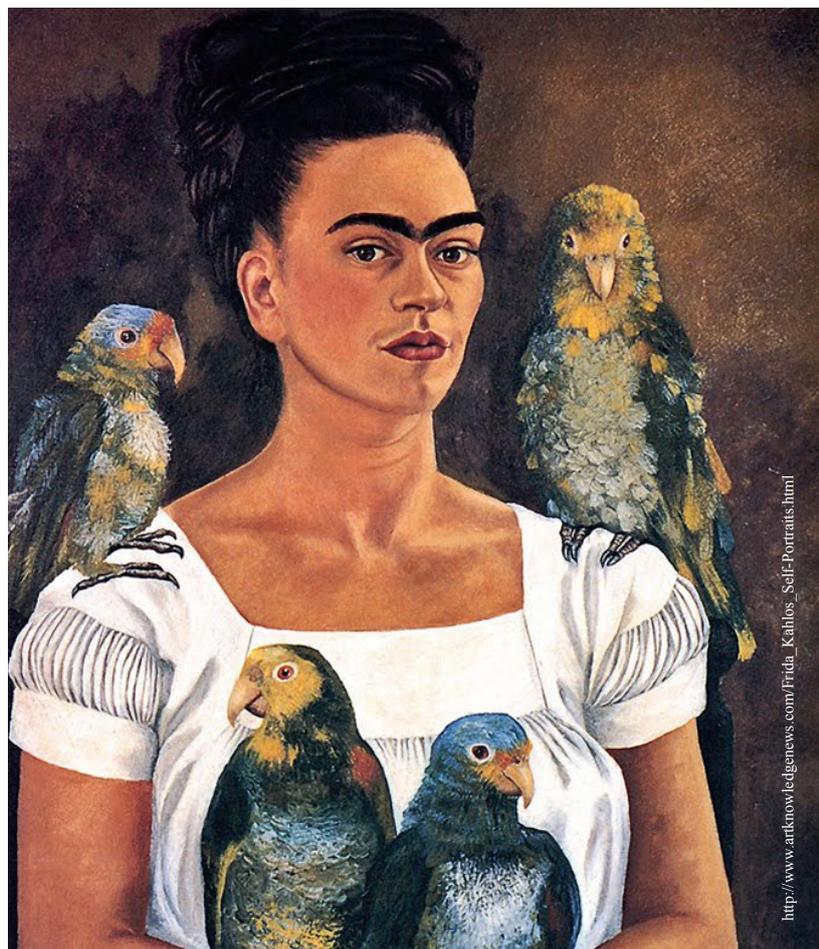
As “galinhas de domingo”, no entanto, parecem ignorar que já dispuseram de seu futuro à sua revelia. Quanto a “almoço de domingo”, é uma expressão que designa um evento, o almoço, programado para ocorrer num determinado nicho de tempo a ele reservado, o domingo.

O conhecimento de mundo do leitor detém a informação de que o almoço de domingo é um costume burguês que reúne em torno da mesa parentes e amigos, no prazer da convivência mútua, celebrando uma tradição a ser mantida e respeitada. Para o almoço de domingo, então, reservam-se sempre os melhores pratos, a melhor carne. A galinha destinada ao almoço de domingo deve ser nova, para que sua carne seja saborosa e tenra. O processo de escolha consiste na apalpação metódica da região abdominal da ave para testar a qualidade da carne e para determinar a presença eventual de um ovo. A carne da galinha-matriz não é tão macia e saborosa quanto a da franga.

A “galinha” do conto, desta forma, é jovem, uma “franguinha” que só se encontra ainda viva porque é cedo para prepará-la para o almoço (“não passava de nove horas da manhã”, p.30). Ainda consultando os dados do conhecimento prévio do leitor, sabe-se que a única alternativa ao sacrifício domingueiro para a galinha é ser tomada para matriz; poderá assim por e chocar os seus ovos até que seja considerada velha demais para tal e, então, ser sacrificada. O inexorável, como se vê, pode ser adiado, mas não suprimido.

A jovem galinha, pelo exposto, não foi ainda “almoçada”, “comida”, porque ainda é cedo para tanto. O deslocamento da significação usual do campo semântico de *comer* para o das relações homem-mulher é igualmente conhecido do leitor: *comer* significa *ter relações sexuais com, ocupando a posição de ativo dominante*. O almoço de domingo, para a franguinha destinada a ser o prato principal, nada tem de festivo.

No conto tem-se, entretanto, uma “franguinha” que já foi “almoçada” em segredo. A experiência sexual prematura



e a angústia decorrente da proximidade da descoberta da transgressão são assim metafóricas:

Parecia calma. Desde o sábado encolhera-se num canto da cozinha. Não olhava para ninguém, ninguém olhava para ela. Mesmo quando a escolheram, apalpando a sua intimidade com indiferença, não souberam dizer se era gorda ou magra. Nunca se adivinharia nela um anseio (LF, UG, p. 30).

A questão da posição na família é interessante aqui, sobretudo quando se ativam certos sentidos implícitos no texto. O excerto acima demarca o espaço ocupado na casa pela jovem, a cozinha. Isso significa que ela não faz parte da família em cuja casa vive, composta de “pai, mãe e filha” (p.32). E mais, não é uma empregada comum, que tem vida própria fora da casa dos patrões, mesmo vivendo com eles, como era freqüente acontecer até ao final dos anos 70 do século XX no Brasil: a “galinha” que vem sendo criada para o “almoço de domingo” é uma agregada. A conotação de “cria da casa” como designativa de sua situação é reforçada pela palavra “apalpar” significando o critério para a sua escolha pelos “compradores”. Do mesmo jeito se fazia durante a escravidão nos mercados de escravos, para escolher pelo melhor preço bons serviços rijos de carnes, não importando se estavam gordos ou magros.

Aquilo que na galinha é apalrado, no entanto, são “as intimidades”, e “com indiferença”. Abrem-se duas possibilidades interpretativas perturbadoras, que denotam o olhar incisivo lançado pelo plano da enunciação sobre a prática social. Assim sendo, em primeiro lugar, “apalpar as intimidades com indiferença” conota o esmiuçar insensível de dramas anteriores que conduziram a “galinha” para a casa da família que a acolhe. O processo não é desconhecido do leitor e talvez ainda não tenha caído totalmente em desuso em certas regiões do Brasil. Uma família urbana “adotava” uma menina de família pobre das suas relações e/ou proveniente da zona rural, vivendo em situação miserável. Supostamente cumprindo um dever de solidariedade cristã, os “pais adotivos” não educavam essas meninas senão para a vida de trabalho doméstico, sobretudo os da cozinha. O suposto ganho da garota, inclusive na opinião dos pais que a entregavam, era o de não morrer de fome e talvez fazer jus a um futuro menos adverso. Em essência, essa situação mantém uma cruel correlação com “ir à feira e comprar “Uma galinha” jovem por um preço ínfimo”. Não admira portanto que sequer se adivinhassem anseios nela, o que não significa que inexistissem. Na verdade, consciente do ambiente hostil em que se encontrava, somente a pressão da angústia fez a jovem posicionar-se, mesmo que precariamente, para agir no próprio interesse, buscando a liberdade.

A outra leitura para “apalpar as intimidades com indiferença” remete ao mundo das relações entre os homens e as mulheres. Uma vez que este é o critério para a escolha da “galinha de domingo”, a expressão refere os jogos eróticos comuns nessas situações, entre a empregada/agregada e o patrão, ou o seu filho, ou rapazes das relações da casa. Também é comum que o autor da apalpada mantenha- e discretamente fora de foco, procedimento que é no texto recuperado através da indeterminação do sujeito

do verbo *escolher*: “mesmo quando a *escolheram*, apalpando a sua intimidade com indiferença, [...]” (p.30). Em qualquer das acepções da expressão examinadas para explicar o óbvio aparente da relação entre identidade e destinação da galinha, tem-se um retrato contundente do comportamento social brasileiro na família tradicional.

Quanto à autoria da gravidez da garota, só muito remotamente, a propósito, o texto oferece uma sugestão. Os indícios textuais apóiam-se no desenrolar de uma narrativa estereotípica acerca da relação de causa e efeito entre identidade e destinação. Seguindo essa linha de raciocínio, o pai da família seria o suspeito. Na verdade, a prática histórica sancionaria essa leitura. Além disso, o pai da família é o único homem mencionado no conto. Como quer que seja, a escritura de Clarice nunca oferece respostas tão diretas, deixando ao leitor a tarefa de rearrumar a seu modo o que sugerem as entrelinhas.

Os desdobramentos de sentido entrevistados para “apalpar” e “escolher” influem no significado do “almoço de domingo” para as personagens do conto, como sendo de *usufruto*. Para a mãe da família, *usufruto* de uma empregada de confiança, submissa, gratuita, vitalícia, agradecida e dependente. Para o pai, e aqui se assume o risco de apostar na continuidade de uma velha história, *usufruto* do corpo. Para a criança da casa, *usufruto* dos cuidados. Realmente, a seu modo, todos pretendem devorá-la.

A galinha, enfim, foge inesperadamente e depois de rápida perseguição é trazida de volta pelo dono a casa, como um troféu, carregada em triunfo por uma asa através das telhas e pousada no chão da cozinha com certa violência” (p. 31). A indiferença com que a jovem é usualmente tratada (“ninguém olha para ela”, p. 30) impediu aos membros da família a percepção do momento epifânico em gestação desde o “sábado” e motivador da fuga: a certeza de que seria de uma forma ou de outra “devorada” pela engrenagem de poder que milenarmente constringe as de sua espécie.

Recambiada ao convívio da família que a acolhe e agora mãe, a galinha muda de posição no sistema familiar e, de “galinha de domingo” passa temporariamente à posição de “rainha da casa”, como uma mãe de família durante o período de resguardo. O texto é irônico na afirmação de que todos, menos ela, sabiam desta realidade: a desusada atenção não altera a sua rotina: “continuou entre a cozinha e o terraço dos fundos” (p. 32).

A galinha, apesar deste incidente de percurso, cumpre integralmente o seu destino. Em seus sombrios desdobramentos, o “almoço de domingo” tem duração indeterminada para essa criatura sem perspectivas que agora, em função do trauma gerado pelas experiências amargas vividas, procura agir em favor da própria integridade sem garantias, segundo uma racionalidade precariamente construída e pouco confiável:

[ ... ] e circulava pelo ladrilho, o corpo avançando atrás da cabeça, pausado como num campo, embora a pequena cabeça a traísse: mexendo-se rápida e vibrátil, com o velho susto de sua espécie já mecanizado. [ ... ] era uma cabeça de galinha, a mesma que fora desenhada no começo dos séculos (LF, UG, p. 33).

O antigo impulso de liberdade mantém-se, embora cada vez mais raro, comparando em furtivas saídas noturnas à área fronteira da casa. O desfecho do conto é seco, duro, como o de certas histórias infantis (e esta é efetivamente a história de uma menina) que deixam o leitor aturrido pela crueza do destino das personagens: “até que um dia mataram-na, comeram-na e passaram-se anos” (p.33).

## (IN)CONCLUSÃO

Como afirma Pinheiro (2003, p. 26), a pesquisa em literatura requer um exercício de leitura significativa da obra do(a) autor(a) pesquisado(a), não somente no que diz respeito à sua fortuna crítica, se houver, mas também considerando outras obras que não estejam no *corpus* escolhido; se possível, o ideal seria ler toda a produção do(a) escritor(a) em questão. Essa forma, pela visão em perspectiva, os aspectos que nela sejam objeto de investigação recebem observação privilegiada. Com efeito, seja em outros livros de contos de Clarice, como **A legião estrangeira** (1964) ou **Água viva** (1973); seja em romances como **A paixão segundo G.H.** (1972) ou **A hora da estrela** (1977), seu último trabalho, a temática do conflito interior como causa e consequência da crise existencial é uma constante que não passa despercebida ao analista (SÁ, 2000; ARÊAS, 2005; PERRONE-MOYSÉS, 2006).



Ignorar este aspecto seria desconhecer a dinâmica da epifania clariceana, que consiste, em última análise, na consciência, por parte da personagem, da posição que ocupa no universo ficcional. Epifania em Clarice Lispector, portanto, é consciência de si. No conto, a compreensão epifânica instrumentaliza conhecimento, mas não potencializa a ação para a mudança de posição, possivelmente pelo fato da mudança da posição da mulher no seio da família tradicional constituir um processo histórico. E aí vem a pergunta que não quer calar: em que sentido as mudanças imprimidas na organização familiar tradicional a partir da inserção da mulher no mercado de trabalho e da instituição do divórcio - mudanças exteriores - influem para uma consciência *interior* da personagem feminina acerca de sua posição na família? Pretende-se oferecer uma visão deste aspecto nos desdobramentos da pesquisa que se encontra em andamento.

A personagem, presa a um sistema contra o qual não têm recursos para se insurgir, sequer estando deles totalmente consciente, vive nesse mesmo sistema e dele depende. A compreensão de sua posição na família se dá para além das explicações ideológicas que sancionam o *status quo* e vem para todas as mulheres, como reflexão acerca da própria posição. É como se a instância autoral dissesse: “Bem, aí está, é isso. Agora, o que vamos fazer a respeito?” Haverá uma melhor forma de lidar com uma realidade tão adversa? Clarice nunca tem tais respostas. Nunca guia o leitor a portos de chegada tão diretos. Mas, como escritora que se auto-define como “de entrelinhas” (1984, p. 605) possivelmente espera do leitor, como coloca Perrone-Moysés (2006, p. 177), que ele receba as suas mensagens em branco e ouça “o que de essencial se diz em seus silêncios”.

## REFERÊNCIAS

- ARÊAS, V. **Clarice Lispector: com as pontas dos dedos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- EAGLETON, T. **Depois da teoria: um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- FEITOSA, C. A escrita sonâmbula de Clarice Lispector. In: LINS, D. (Org.). **Nietzsche, Deleuze: imagem, literatura e educação**. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fortaleza: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2007.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LISPECTOR, C. **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- \_\_\_\_\_. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- \_\_\_\_\_. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- PERRONE-MOISÉS, L. **Flores da escrivantina: ensaios**, 2. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- PINHEIRO, H. (org.). **Pesquisa em literatura**. Campina Grande: Bagagem, 2003.
- SÁ, Olga de. **A escritura de Clarice Lispector**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.